

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--18 de Abril--1929

5<sup>o</sup> ANO  
STOES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre 152



# fiRe

semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

## UMA PEÇA DE EFEITO



Com a sua nova partitura, o virtuose das Finanças consegue arrancar muitas notas ao velho instrumento. Musica que delicia o diletante...



# Os ditos da semana



**Baile das aries** Dançou-se à farta, mas não cabe aqui dizer que se dançou à larga, porque o apertão era tamanho que nem se podia rir escancarando a boca no sentido horizontal.

Quem queria rir tinha de estirar os beiços verticalmente porque só assim encontrava espaço para as suas manifestações de alegria.

Aquilo foi bom, foi do melhor e tudo saiu da pele ao Cristovam, que ficou tão derancado, que os médicos já lhe aconselharam mudança de Aires.

Cantava a Auzenda e dançavam os outros. Cantava o Silvio e dançavam os outros. Cantava a Palmira e eram os outros que dançavam. Cantava o Frois e eram ainda os outros que dançavam.

—Canta, que logo danças, dizia-se.

**Sistema tributario** O Ministro das Finanças reorganizou o sistema tributario. Simplificou, diminuiu, aumentou, creou novos impostos, acabou com impostos velhos e deixou toda a gente de boca aberta e dedo no nariz, na atitude contemplativa das grandes congeminções.

A população anda intrigada, porque a população não é muito entendida em leis, mas receia cada um que o novo decreto o obrigue a pagar mais qualquer coisa e ninguém gosta de pagar senão se for uma partida.

Dai os dialogos de toda a hora:

—E tu? Pagas mais ou pagas menos?

—Pago mais: aumentaram-me.

—Aumentaram-te o quê?

—Aumentaram-me a taxa, aumentaram-me a renda, aumentaram-me a predial e aumentaram-me os desgostos.

—Palavra?

—E' como te digo.

—Homem, ainda bem.

—Ainda bem? tu dizes-me isso?

—Pois claro que digo e estou contente. Apareceu finalmente um ministro que faz aumentar tudo.

Tudo aumenta.

**Casamento difficil** Anda o principe Boris da Bulgaria em palpos de aranha para arranjar uma noiva.

Aparecem-lhe muitas, mas nem todas lhe servem. As que servem, trazem complicações internacionais e das que não servem não vale a pena falar, porque as noivas são como as peugas, em não servindo é escusado pensar mais nelas.

O mais curioso, porém, é que havia uma que servia à maravilha. Agradava a toda a gente. Mas o Papa meteu-se na conversa e lá ficou tudo escangalhado. Mas que terá o Papa com os casamentos de cada um, tanto mais que o Papa não nos parece a pessoa mais entendida em assuntos desta natureza?

**Auto-cars** Começou o delirio dos transportes para Sevilha. O caminho de ferro, que parecia uma maravilha do nosso tempo, já não satisfaz o viajante e então vá de inventar toda a casta de lo-

comoção que seja capaz de tentar o *touriste*.

Havemos de vê-los partir de avião, mas também os havemos de ver de burro, choca-choca, por essas estradas fóra, como quem vai a Cacilhas.

Como ultima novidade, apareceram agora os antocars de luxo, para 40 ou 400 passageiros — nem a gente sabe — que são uns carros muito grandes e muito complicados, mas principalmente muito alcoviteiros, porque segundo rezam os anuncios são carros de levar e trazer, como as senhoras vizinhas.

Os reclamos andam por ai e dizem maravilhas. Até os ha com telefone, W. C., boca de incendios, um chafariz e um relógio a dar horas, naturalmente *as horas de estalar*.

Ali dentro viaja-se como num paquete: Só com a diferença de que não ha mar, mas para que em tudo seja exacta a comparação com um

navio, nem o enjão deve faltar. E ha-de ser interessante vêr o auto-car tocar nas diversas localidades a tocar a buzina e os passageiros a tocar a aria do «Gregorio».

**Josefine** A famosa bailarina negra que deslumbrou Paris dançando o *charleston* e o *black-bottom*, nua em pelo, com um cacho de bananas em volta da cintura, propoz-se agora dançar a pavana nas ventas dum bailarino espanhol por quem se apaixonou, E porquê? Só por tê-lo encontrado em companhia de outra artista.

Cega de ciumes, atirou-lhe com tudo quanto encontrou à mão, e, por fim, com um extintor de incendios, como se fosse ele que estivesse a arder... em ciumes.

Daqui para o futuro, a empresa «Minimax», acrescentará aos seus reclamos:

—Extingue o fogo de palha, petroleo, gasolina, alcool e até do proprio amor.

E então veremos os chefes de familia aderir o «Minimax» para pôr cobro aos entusiasmos de fogosa mocidade das proprias esposas ou de qualquer pessoa de familia que seja mordida do terrivel bacilo do amor.

Duas esguichadelas bastam para dominar uma paixão. E o fogo extingue-se mesmo antes que algum bombeiro tenha deitado a escada. E é o que se pretende.

**A linha de Carnide** Carnide festejou, no domingo passado, a inauguração da sua linha electrica. Musica, foguetes, ruas engalanadas com o retrato dos electricos sobre um escudo, e muitos forasteiros que quizeram ter o prazer de ser dos primeiros a entrar em Carnide por via electrica.

Dia de festa e dia de vinho. Na estação terminus muita gente e um bebado:

—Viva a Companhia dos electricos. Viva o guarda-freio. Viva o condutor. Vivam os passageiros. Viva o trolley! Agora, dizia ele depois da espontanea manifestação, agora já me posso embubedar na baixa, que não falta quem me traga pa casa.

Viva a Companhia dos electricos. Viva o Val do Rio.

O poder do progresso!...

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.



—E diz a mamã que eu sou pequena para cortar o cabelo... Se eu já me sinto mulher...

# TEATRO

## «RETROZ PRETO..»

ARTISTAS teatrais e jornalistas devem viver em boa comunhão de ideias. Um artista necessita sempre da imprensa e a imprensa, muitas vezes, para a realização de recitas e de comemorações, precisa do artista. Devem, portanto, auxiliar-se e devem, por isso, ser amigos. Se, de vez em quando o crítico é aspero com o trabalho do artista, não quer isso dizer que o não considere, que não seja amigo dele. Confunde-se entre nós, infelizmente, a amizade pessoal com a censura ao trabalho scenico. Todos em Portugal nos conhecemos. Todos nos tratamos por tu, e, por essa razão, julgam que se fica inibido de criticar com severidade o erro dum actor... Tem sempre para nós esta frase:

— Nem parece que és meu amigo... Aquela tarafa não t'a perdoo. Fulano que dusesse aquilo, estava bem — mas tu, meu amigo intimo... Cá ficas para a primeira... Não esperava isso de ti...

Podíamos citar casos comprovativos, mas não vale a pena. Alguns são até do dominio publico...

Vem isto a proposito do «Baile das Artes», festa que ficará celebre nos annos mundanos e artisticos. No final da inolvidavel noite de 11 deste mês, e já quando a luz do dia entrava pelas janelas, trocaram-se alguns brindes na mesa dos artistas. Todos foram significativos. Jornalistas e actores cearam as mãos e confraternizaram. Fizeram-se promessas. Reinou a alegria e o bom-humor durante a ceia. O publico, de quem ambos vivem — tinha já retirado. E só, em estroito abraço, planeou-se nova festa para os desherdados da sorte de ambas as classes.

Por ela se fica esperando, para que mais se possam abraçar, com um unico fim, os que fazem rir e chorar o publico e os que lhe fazem conhecer o que vai pelo mundo...

Todos se levantaram da mesa, convencidos de que uma nova era ia nascer para o teatro...

Era bom que ela nascesse, tanto para uns como para outros!

■ ■ ■

O T. N. ameaça que abre esta semana. A ver vamos...

Tambem nos ameaça com o Rocambole... Tudo é possivel... Ha quem avente a ideia de tudo aquilo não passar duma ameaça... Diz-se até que se zangaram os estrélos e que tudo ameaça desabar... Não acreditamos. Da forma como vivem hoje os que mourejam palcos a dentro, devia haver mais harmonia, um pouco mais de disciplina e, principalmente, devia trabalhar-se. Tal não acontece. Porquê? Voltamos ao chavão: — culpa dos dirigentes e da má educação disciplinar dos dirigidos.

■ ■ ■

A DIZIA-NOS ha dias um grande actor:

— Em Portugal, ha anos a esta parte, não se ensaia nos teatros. As peças vão á scena — com rarissimas excepções — mal sabidas, mal encenadas e mal representadas... Perdeu-se o habito de trabalhar. Quasi todos os artistas, salvo alguns dos chamados velhos, chegam tarde ao ensaio e é quando não faltam... com este ou aquelle pretexto... No teatro é como na vida, não se pode ficar na instrução primaria — tem de se aprender mais alguma coisa para se poder ganhar honestamente o pão...

■ ■ ■

TUDO é relativo... Conversando-se, numa mesa de café, sobre a representação duma peça numa companhia dramatica, depois de varias considerações, ouvimos:

**Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.**



— E lembrar-me que se fosse na America poderia hoje ser uma estrela de cinema.

— Mas fulana não tem unhas para o papel!

Diz o outro do lado:

— Tambem o actor que está a ensaiar não sabe nada daquilo... Não tem geito... Tomára ele que lhe ensinarem a representarl!

Volta o primeiro:

— E a tradução... é de quem é...

Diz um terceiro:

— E fulano naquelle personagem...

Faço ideia... Ainda estou a ver o artista que o fez em Paris... Pode lá ser!

O primeiro ainda:

— E como será a peça posta em scena? Já calculo... Scenarios velhos, aquelles mobílias já conhecidas...

Como veem os leitores... tudo é relativo...

A estréla não tem unhas.

O ensaiador não sabe do seu offico.

A tradução será má... com certeza.

A mise-en-scène é a do costume.

■ ■ ■

UM pensamento teatral:

No primeiro estudo que tem

fazer os que se destinam ao teatro é examinarem-se bem a si proprios!

■ ■ ■

SIGA a dança... e vai seguindo, apesar do que se escreveu. O publico gostou, é quanto bastou.

Em teatro não ha, actualmente, peças boas ou peças más. Ha só as que conseguem publico e as que se representam para as cadeiras... Siga a dança... agradou... e o publico vai ao teatro e sai satisfeito. O publico ainda é o grande critico... digam o que disserem!

■ ■ ■

VÃO estudar-se as bases para o concurso do T. N. Já está nomeada a comissão. Dela fazem parte pessoas competentes e conhecedoras. Novamente os destinos do que devia ser o teatro-escola, o teatro normal, estão em estudo...

Que não haja favoritismos, é o que

desejam todos os que se interessam pelas coisas teatrais.

O concurso a abrir que seja amplo e sem portas falsas...

Lisboa necessita dum teatro onde se faça um pouco de arte e onde se possa ouvir e ver representar...

■ ■ ■

UMA maxima de Engel, que data de ha cerca de 100 anos, sobre artistas teatrais, diz:

«Um sujeito faz-se actor como pega numa espingarda, por imprudencia ou por necessidade. Ha-ras vezes é por inclinação ou por vocação verdadeira...»

Parece escrita hoje. No entanto, acrescentaremos que, se pegasse na espingarda para se suicidar, era preferivel, pois ficavam livre do novel artista... Ganhava o publico e, ás vezes, talvez ganhasse ele proprio.

■ ■ ■

PARTIU para a provincia a A. B. O., mais a sua companhia. Daqui a dias segue a da L. D.

Este verão devem estar fóra de Lisboa, além destas duas, as seguintes: a da B. de B.-A. da C., a da L. S.-E. B., a da H. L., a da E. S. e a da S.-A., que vão ao Brasil, e a da A. R. L.-I. M., que embarca com o mesmo destino daqui a dias.

Perguntamos:

— Em Lisboa quem fica?

■ ■ ■

LAVRA grande celeuma nos meios teatrais para se saber a proveniencia dos versos do fado da padaria, aqui publicados ha dois numeros.

Julgam determinadas creaturas que puzeram a mão na ferida e enganaram-se redondamente. Nem sempre o mal vem donde se julga. Nem sempre as que muito falam são as piores. Ha quem, estando calado e sendo o que vulgarmente se diz — *sonso* — tenha mais culpas no cartorio.

Neste caso dos versos, está pagando as favas... quem, talvez, não os conhecesse antes de virem a publico.

Tudo pode acontecer... Ha coisas mais extraordinarias ainda e, no entanto, não deram tanto que falar.

Isto de se atribuir a paternidade só por calculo, ou por odio, ainda não é o bastante... E' preciso provar... mas não provar por factos antigos e que nada se relacionam com o presente.

O seu a seu dono...

Um dia — que não vem longe — virá a saber-se quem é o autor dos versos do fado da padaria...

■ ■ ■

FALA-SE na proxima fundação de uma «Liga dos Amigos do Teatro».

Temos sempre medo destas coisas. A's vezes, sem querer, estes amigos são os conhecidos *amigos do dia»*...

Cuidado com certas amizades, que bastas vezes são prejudiciais...

■ ■ ■

EM Nova York — dizem os telegramas — os tribunais condenaram em 250 dolares de multa um espectador que... espirrara três vezes durante um espectáculo de opera. O reu pagou a multa ao empresario queixoso e disse:

— Nunca me custou tão caro uma constipação.

— Mais caro me custou o cantor que o senhor me atrapalhou com os espirros...

D'ora avante — diz o jornal americano que relata o acontecimento — á porta dos teatros vai haver uma inspecção medica aos espectadores...

**O Homem das 5 horas**

**SUNRIPE**





## O faqueiro antigo

O Pires era criatura pretenciosa, com suas manias de fidalgo e com a pretensão de ter sempre coisas melhores do que os outros.

Na presença dele, ninguém podia dizer que tinha isto ou aquilo, que o Pires não disparasse logo a queimadura:

— Pois eu tenho melhor.

O Pires tinha tudo. Tinha ricas mobílias, tinha terras de sementeira na provincia, tinha joias, tinha vinhos velhos, tinha loiças da China e do Japão, sempre melhores e mais autenticas do que qualquer pessoa. Mas aquilo em que o Pires fazia mais gosto e de que com mais frequencia se fartava era de antiguidades.

A cama em que dormia contava mais de dois seculos e a sua mesinha de cabeceira tinha escapado milagrosamente da invasão franceza, mas, se alguém afirmasse possuir uma cama com mais seis meses do que a dele, logo o Pires asseverava ter uma com dois seculos e meio.

Um dia, na botica duma terra algarvia (porque o Pires era algarvio), veio a proposito falar-se de talheres antigos e o secretario da Camara, pessoa de boas familias e de alguns meios, contou ingenuamente:

— Tenho lá em casa um faqueiro anterior á dinastia de Bragança.

— Isso é que é antigo! — fizeram em côro os assistentes...

— E' — gritou logo o Pires — é antigo; mas eu tenho um ainda mais velho.

— Mais velho, ó Pires? — disseram eles duvidosos. — Com mais de quatrocentos anos?!

— Pois que duvida. Basta que eu lhes diga que o meu faqueiro é tão antigo, tão antigo, que já levou quatro vezes laminas e cinco vezes cabos. Querem mais antigo?



— E' maravilhoso isto da aviação! Poder beber vinho em Madrid, «Vermouth» em Turim, «Chartreux» em Paris, «whisky» em Londres e «Vodka» em Moscou.



— Porque a menina lhe falava assim do cabelo, não tem que indignar-se.

— Como assim, se eu sou calvo?!

FUME SUNRIPE

# O menino abandonado

## Tragedia em um preambulo e sete anuncios

Dezembro. Um frio intenso. Neve pelos caminhos.

Bernabé Maria, o nosso conhecido Bernabé, saíra á rua á tratar da vida. Ia andando e ia pensando na negra vida e no martírio a que a coelheira de Santo Amaro nos sujeira, com o bailado das paragens e a falta de carros para a Praça do Rio de Janeiro...

Dezembro. Um frio de rachar. Neve pelos caminhos. E Bernabé viu num portal da rua dos Bacalhoeiros um grande embrulho. Aproximou-se. Com espanto, verificou que o embrulho era nem mais nem menos que uma creança — perdida ou abandonada.

Bernabé nunca tivera a habilidade de ser pai, porque fizera a habilidade de se não casar — embora para o caso o casamento nem sempre influa.

Com carinho pegou no miúdo. Acurtiu-o. E pensou: «Quem sabe se o garoto não foi abandonado?! Talvez que o tenham perdido. O melhor é levar o miúdo para casa e pôr um anuncio para que os pais venham buscá-lo».

E se bem pensou, melhor o fez.

### PRIMEIRO ANUNCIO

«Quem perdeu? — Na rua dos Bacalhoeiros achou-se ontem um menino recém-nascido, que se entregará a quem provar ser o seu dono.»

Resultado deste anuncio: negativo.

### SEGUNDO ANUNCIO

«Ao pai abjecto ou á mãe desaturada que abandonou um garoto na rua dos Bacalhoeiros, roga-se que o venham buscar á rua tal.»

Resultado: negativo.

### TERCEIRO ANUNCIO

«Trespasse — Menino recém-nascido»

E' um encanto de garoto. Olhos lindos. Sorriso mais lindo ainda. Trespasse-se em boas condições a casal de recém-casados.»

Resultado deste anuncio: negativo.

### QUARTO ANUNCIO

«Aluga-se — Menino recém-nascido, sem fiança e sem escrupulos a mendigo acreditado, para que comova as pessoas caricativas.»

Resultado: negativo.

### QUINTO ANUNCIO

«Secção de vendas — Vende-se recém-nascido por preço convidativo em muito bom estado. Caso não convenha, aceita-se a devolução.»

Resultado: negativo.

### SEXTO ANUNCIO

«Leilão — Será posto em leilão, amanhã, um menino recém-nascido, que se dará por preço baixissimo. O menino será leilado em lote com uma «trincheira», uma caneta de tinta permanente, uma garrafa de vinho «Calem», duas entradas para o Coliseu e uma nota de mil escudos. Liquidação por o seu proprietario querer abandonar o negocio e a creança.»

Resultado: negativo.

### SETIMO ANUNCIO

O menino

FULANO DE TAL

subiu ao céu

(Adaptação).

## Um pé lá e outro cá...



Vitor Moraes, um amigo dos leais, que possui dinheiro aos quintais, que deixou os papagaios para vir ver os pardais



Os espectaculos de domingo nas duas praças lisboetas reduziriam esta «Prosa de Chá Velho» a prosa Santa ou prosa enterrada se o seu escriptor não preferisse derivar, com riso amarelo, para assunto mais amavel: por exemplo, esta anedota que Martinez de Leon illustrou para «El Sol» e que, mesmo sem illustrações, merece ser traduzida:

«— E falam da carestia de Sevilha! Dois reais de peixe acabado de fritar, uma rôsa, um copo do negro da casa do Jacinto, que é o melhor do mundo, um cafésinho, e... riam-se do Hotel Alfonso XIII.

«E «Osélito» — tipo popular sevilhano creado por Martinez de Leon — dizendo isto, empurrou a porta da casa de Jacinto e tratou de jantar.

Procurou um canto apartado; mas como a «Osélito» o conheciam em toda a parte, não tardou em ser chamado á mesa duns amigos, e foi.

Mal o tinha feito, quando o gato do Jacinto se dirigiu curioso onde ele tinha deixado o jantar.

E, grande «aficionado» aos ricos pedaços de peixe frito, comeu e comeu até deixar só o papel que os embrulhava.

Estava o gato limpanlo cuidadosamente os bigodes quando chegou o dono do jantar.

Pensou «Osélito» tirar ao gato duas ou três das sete vidas que dizem ter; mas, pensando melhor, esfregou as mãos em sinal de satisfação e, com o melhor dos seus sorrisos amarelos, perguntou ao animal:

— Que, amigo, tomamos um cafésinho?

Pela tradução,

Perez la chaise.

## As capas do «Sempre Fixe»



Só a capa 10\$00.

Capa e encadernação 15\$00.

Coleções completas dos dois primeiros anos, devidamente encadernadas, cada Esc. 50\$00. Coleção do 3.º ano, Esc. 40\$00.

Para a provincia acresce o porte do correio.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

FUME SUNRIPE

Sortes grandes  
60° PINA a venda  
75 — Rua de S. Paulo — 77

## Casamento pelo espiritismo

Josefina Andreia tem, ha bastante tempo, na travessa da Quelmada, um consultorio espirita, onde se passam coisas do arco da volva. As suas melhores freguesas são as viúvas que, pelo sim pelo não, resolvem comunicar com os seus virtuosos defuntos.

Uma das suas clientes, exactamente uma senhora que tem dores no peito e no coração, precisamente Alice das Dôres Paiva, zangou-se com a Andreia, acusando-a de a ter envenenado. E, como a lingua não o estava, Alice das Dôres vai ao Torel, apresenta queixa, sendo nomeado para averiguação dos toxicos na pessoa da queixosa o agente Amado.

Foi o diabo. O Amado, mais habil ainda que o Custodio, averiguou que a Alice frequentava a casa da Andreia para falar com o defunto marido, pedindo-lhe licença para casar — tal qual como no Registo Civil. Eis senão quando, o «atrespasado» ordenou-lhe em voz sibilina que se matrimoniasse com o primo Colaço... Rato de apelido! O agente Amado redigiu a sua informação nestes argutos e penetrantes termos:

«Verifica-se que a D. Andreia sabe falar aos mortos em materia de casamentos. Quanto a envenenamento na pessoa e alma de Josefina, nada ha que o prove. Parece que uma e outra o que tem é falta de parafusos no relógio e o defunto marido de Josefina parafuso a mais...»

Informação do agente:

«Como a Josefina se casou com o Colaço, chega-se á seguinte conclusão que o seu primeiro marido será no céu o que talvez tivesse sido na terra...»



— Porque será que os advogados vestem toga se assim parecem estar disfarçados de mulher?...

— Tens razão. Mas deves compreender que os advogados falam muito.



— Não levou a sua filha ao concurso de beleza?

— Não, senhor. Reconheço que ela é feia e ninguém lhe ia dar um premio pela sua cara bonita.

**Boa assistência só no Solar d'Alegria.**

## Os cavalinhos brancos de José Bicho

José Bicho era um empregado modelar da 1.ª repartição da 1.ª direcção do Ministerio do Trabalho. Todos os seus camaradas lhe queriam bem, não sómente pelos seus habitos de economia (por cinco escudos que emprestava a um colega, cobrava 10 0/0 de juros) mas também pelo acção que resumava de toda a sua pessoa (no verão polvilhava-se com amido, para que a transpiração o não cortasse e lhe não desse mau cheiro). José Bicho era ainda bem visto pelos colegas pelas suas extraordinarias faculdades de trabalho. E' certo que, de vez em quando, o iam encontrar com a cabeça sobre a carteira, rasonando; mas José Bicho explicava imediatamente — e zangava-se:

— Não senhor, não estava a dormir. Estava a ver se decifrava aqui um enigma. Estes tipos da 5.ª repartição escrevem com uma ortografia pessima; ninguém os entende...

Duma afabilidade sem limites, duma gentileza requintada com todos os seus colegas, José Bicho não podia deixar de comparecer, abrihantando-o com a sua presença, no casamento dum colega, 1.º oficial na repartição onde José Bicho era 3.º aspirante — por injustiça dos poderes publicos, bem entendido. E, com efeito, o Bicho foi convidado para a boda; mas, nesse momento, um drama começou a desenrolar-se na sua consciencia: — em que especie de carruagem deveria transportar-se?

Pensou, primeiro que tudo, num coche da Casa Real. Mas, como era um autentico republicano, não podia aceitar os favores do antigo regimen.

Pensou, em seguida, num taxi. Mas os taxis eram demasiado plebeus, não só para a sua categoria burocratica, como também para a categoria do seu colega. E depois, os malditos taxis tem todos aquele maldito contador, onde os centavos pingam constantemente — para fóra do bolso do passageiro... Era de enervar uma pessoa economica como o nosso Bicho.

Num vislumbre de génio, uma ideia lhe alumiu o cerebro: consultar a D. Luiza. Dito e feito. Ligado á D. Luiza, telefonicamente, pôs-lhe o problema. E a D. Luiza, depois duma breve reflexão, deu-lhe o conselho decisivo:

— Meu filho, para ti, o que vejo de mais conveniente, pela tua posição, pelo teu tamanho e pelos teus habitos de economia, é um trem bonito, com dourados, forrado a «organdi», espelhos «bisautés» e puxado por uma parrelha de cavalinhos...

— E de que côr hão de ser os cavalinhos, D. Luiza?

— De que côr?! Brancos, certamente. Não se trata dum casamento? Num casamento, tudo deve ser virginal, até os convidados.

E assim fez o Bicho, tal como D. Luiza lhe havia aconselhado. Escusado será dizer que o Bicho fez um autentico sucesso, no dia do casamento. Por momentos, houve quem o confundisse com o proprio noivo; e as senhoras que tinham creanças, como faltassem lugares nas carruagens, á saída da igreja, não encontraram melhor do que metê-las todas no trem do José Bicho — que, de resto, vinha encantado com a companhia da pequenada.

Quando chegou a hora dos brindes, José Bicho quiz também falar. Não podia deixar de dizer duas palavras de homenagem aos nubentes, «peço por quem ele nutria a maior estimação». Pôs-se de pé, em cima de um banco, e conseguiu ainda dizer duas frases de efeito: «que o casamento era uma coisa muito séria, uma especie de escada, da qual a gente se arrisca a cair, quando tropeça». Mas não conseguiu ir mais além: o «champagne» vaporizava-lhe o cerebro — começava, á sua volta, a ver tudo em rodopio; e, sem querer, caiu sobre uma senhora já idosa — mas solteira — enchendo-lhe as costas de «champagne», com o que a senhora se sentiu rejuvenescida, vivendo trinta anos atrás...

De repente, porém, lembrou-se de que era necessario pagar a carruagem; como fóra alugada á hora, quanto mais se demorasse, mais Bicho pagaria. E então, o seu cerebro voltou ao estado normal: petrificou-se. José Bicho despediu-se á pressa e correu para a repartição, ainda dentro da carruagem que o levava á igreja.

Chegado que foi ao Terreiro do Paço, á repartição onde trabalhava, correu para junto dos colegas e explicou-lhes:

— Eu fui ao casamento do nosso 1.º official porque vocês não podiam ir todos. Fui representá-los, por consequencia, e vocês devem pagar a despeza que fiz com a carruagem. Uma insignificancia: três mil réis a cada um, incluindo a gorjeta. E despachem-se, que o cocheiro está á espera...

... Os colegas pagaram. E José Bicho, no intimo, não deixava de pensar na honra que havia sido para si, modesto aspirante, o ter sido o unico empregado da repartição convidado para a boda dum empregado de primeira categoria...

## Pontualidade feminina

Artur Ernestino da Conceição Barata é um simpático moço que casou ha cerca de três anos com uma senhora sua prima, moça gentil e delicada, mas que não tem horas para coisa nenhuma.

Se marca estar em qualquer lado ás 3, é certo que só ás 4 aparece, muito atrapalhada, fingindo-se preocupadissima.

Bastas vezes o Artur a tem increpado por essa falta de pontualidade, mas a mulher não modifica em coisa nenhuma o seu procedimento.

Ha dias, porque lhe morrera um parente, ela foi obrigada a ir á Guarda, de onde mandou ontem para o marido o seguinte telegrama:

«Chego amanhã, ás 6 da tarde. — Albertina.»

Ás 6 menos 10, estava o Artur Ernestino da Conceição Barata na estação, á espera da mulher.

Deram as seis... seis e cinco... seis e dez... seis e um quarto... seis e vinte... seis e meia... E o comboio não chegava.

Artur bate então os pés no chão e murmura, zangado:

— Raios partam as mulheres! E' sempre a mesma coisa, esta Albertina. Nunca chega á hora marcada a parte alguma. Mas que diabo estará ela fazendo para não ter chegado ainda?!



— E' como lhe digo. Está provado que a electricidade cura a paralisia.

— Qual o quê! Ainda ha dias caiu uma fiação electrica sobre uma paralitica e ela morreu.



— A vizinha do lado tem um chapéu igual ao meu.

— Quere isso dizer que te comprou outro?

— Sempre te sai mais barato do que mudarmos de casa.

## Razão forte



— Não se envergonha de roubar duma gaveta uns miseraveis 15 escudos?

— Então que queria o senhor que eu fizesse?! Não havia lá mais...



O que se diz e o que se não deve dizer

# Os grandes problemas do automobilismo

O assunto mais saliente da semana desportiva que passou foi a *espampante* vitória de José Santa sobre Barrick em round e meio.

Provou-se exuberantemente, no combate do Campo Pequeno, que Camarão deixou de pertencer á categoria dos crustaceos para ingressar na dos antropófagos.

\* \* \*

Os amadores do desporto automobilista têm sido mimoseados com consecutivas exposições de modelos de 1929.

E, afinal, os industriais ainda se não deram conta do modelo de que realmente necessitam os serviços do automobilismo.

E' certo que os inventores de carros mostram em cada anno um ingenho que nos deixa pasmados com tão subtil tecnica. Em 1928 deram-nos autos com janelas trazeiras quadradas, e em 1929 dão-no-las ovaladas. As côres das carroseries também mudam todos os anos — e as linhas dos carros, idem. Para mais, e isto tem suma importancia, todos os novos modelos trazem um novo tipo de cinzeiro.

Tudo isto é, afinal, uma questão estrategica. Assim, obrigam o pobre automobilista, e mais a meudo a pobre automobilista, a comprar um carro novo todos os annos, sob pena de aparecerem em publico com um ridiculo modelo passado de moda.

Mas, preguntamos: — O que fizeram os grandes cerebros da industria da especialidade a favor do pobre condutor que passa todo o dia a pensar onde é que ha de arranjar mãos e pés para mexer em todos os pedats, chaves e alavancas do seu veiculo? Para que serve um cinzeiro a um homem que tem de ocupar as mãos com o volante, o estrangulador, a chave de ignição, a manette de avanço, o travão de mão, a alavanca das velocidades, etc.?



— Minha senhora, o seu filho deu-me um tostão para vir aqui tomar o oleo de ricino por ele.

**Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.**

## Campeonato homeopático de Lisboa



Ao que parece ao realizar-se a 11.ª volta, os jogadores já não se reconheceram...

## !A los toros!

Campo Pequeno, á tarde,  
Agarro no farnel,  
E sem fazer alarde,  
Julgando que ia vér no redondei  
Palha Blancos de raça  
E espadas de cartel,  
Entreí p'la praça dentro  
Mas que vejo, meu Deus, eu enganei-me.  
Que monstro aquele que ali está no centro!

Senhora dos Toureiros, protegél-me.  
Estou louco, estou burro, estou palerma,  
A minha pinha enferma  
De qualquer mal ainda ignorado.  
Vejo no meio um estrado  
Onde um toiro não cabe com certeza,  
Quanto mais com cavalos  
Cavaleiros, forçados e peões.  
Quasi ao pé uma meza.  
Será talvez p'ra aqueles intervalos  
Que fazem gargalhar as multidões!  
Toca a musica, avançam  
Dois homens muito grandes e alentados.  
E de todos os lados  
Os aplausos não cançam.  
Um deles, de tão grande e tão crecido,  
Faz-me lembrar assim, mal entendido,  
A estatua de D. Pedro no Rossio.  
Após as palmas, nem sequer um pio  
Se escuta em toda aquela multidão.  
Ao tal aão chamam todos «Camarão»  
Não sei bem a razão  
Porque tal nome dão  
A dois metros e tal de comprimento  
E mais um palmosinho.  
Porém o mais baixinho,  
Oíço alguém a dizer naquele momento,

Tem nome de Barricas, ou parecido,  
Por não ser tão crecido,  
Assento-me no sol, pois já agora  
Quero vér o que aquillo é.  
Não me querendo ir embora  
Sem vér o que será aquela treta  
Ao som da pandeireta  
Os dois estão de pé.  
Soube então  
Que o «Camarão»  
Era um grande português.  
— Era grande, está claro, no tamanho —  
E que o outro, francês.  
Num combate, singular e estranho,  
Vinha jogar o sóco com o nosso.  
Porém não posso,  
Devido á minha alma patriota,  
Assistir indifferente áquele combate.  
E quando os lutadores, quasi em pelota,  
Começam a jogar,  
Não deixei de incitar  
O «Camarão», que no Barricas bate.  
Durou pouco, porém, a traulitada,  
Que á segunda estocada  
O francês deu um ai e faleceu.  
E eu  
Que nunca tinha visto aquella historia  
E sem saber também o que fazia,  
Fois estava quasi doído de contente  
Per aquella victoria.  
Berrei, em formidavel gritaria:  
— O' sór intelligente!  
Deve dar, p'ra bom nome da nação,  
A orelha esquerda ao «Camarão».

(Edição da Sociedade Festa, Nobre, Brava & Arte, Limitada).

Antes das modificações estapafúrdias, comecemos por aperfeiçoar os mecanismos existentes.

Deem-nos um motor de arranque que arranque! Porque: — para que colocam os inventores, nos carros, uma manivela de partida, se têm tanta confiança nas suas partidas automaticas?

\* \* \*

A Natureza deu ao homem dois pés e duas mãos. Ao automobilista de hoje, isso não basta. Necessita, pelo menos, doutro par de mãos se não quiere arranjar varios pares de botas.

O principiante leva as duas mãos pegadas ao volante e vê-se numa situação horrivel quando tem de recorrer ao travão de mão, tocar o klaxon, dizer adeus a uma amiguinha e usar o cinzeiro ao mesmo tempo.

Um grande progresso seria o emprego de mãos automaticas controladas por um botão no volante e executando os movimentos mais necessarios ao automobilista.

O assunto da *garage* é também um inconveniente que pode resolver-se com um pouco de inventiva. E' um velho axioma que se a montanha não vai a Mafôma — Mafôma deve ir á montanha.

Da mesma maneira, se o automovel não entra na *garage* — e os carros dos principiantes vão a toda a parte menos á *garage* — porque não ha de ir a *garage* ao automovel? Basta levar a *garage* dentro do automovel. Uma *garage* dobradiça, atada no tecto do carro, poder-se-hia voltar num segundo — te teriamos o auto guardado.

Outra dificuldade séria é de dar uma volta numa rua estreita. Pois bem! Com um automovel provido de um motor adiante e outro atrás e cuja *carrosserie* dêsse meia volta completa ao carregar-se num botão, estaria o problema resolvido!

### Rebola-A-Bola.

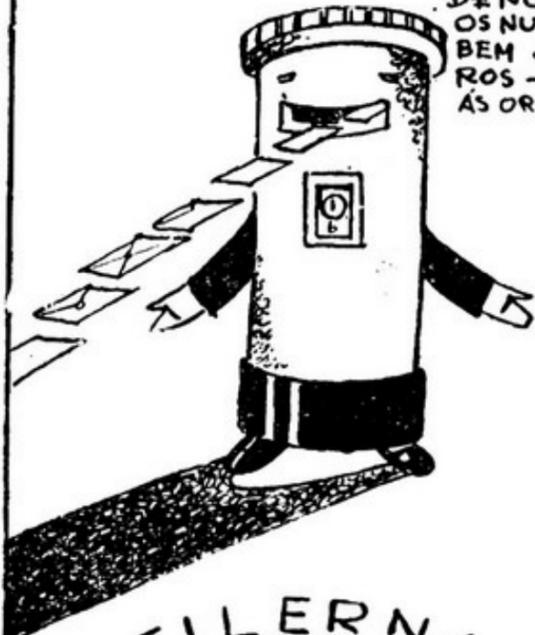


— Não tenha duvidas. Eu faço-lhe um retrato da sua sogra que até parece que fala.  
— Não, não, pelo amor de Deus, não o faça.

— FOME SUNDAY

# ECHO DA SEMANA

GRACAS A SEVILHA FOMOS PINTADINHAS DE NOVO OS NUMEROS TAMBEM JA SAO INTEIROS - AS ORDENS DE VEXA



ONZE REALDOZE  
OS FINOS DE MAFRA  
SAO ETC.

JA NAO HA GAZES QUE AFUGENTEM OS NOSSOS BOMBEIROS COM AS NOVAS CARACAS



ORA GRACIAS!  
ATE QUE ENFIM O CARRILHAO DE MAFRA VAI CARRILAR



ETILERNA

OS MELHORES VINS

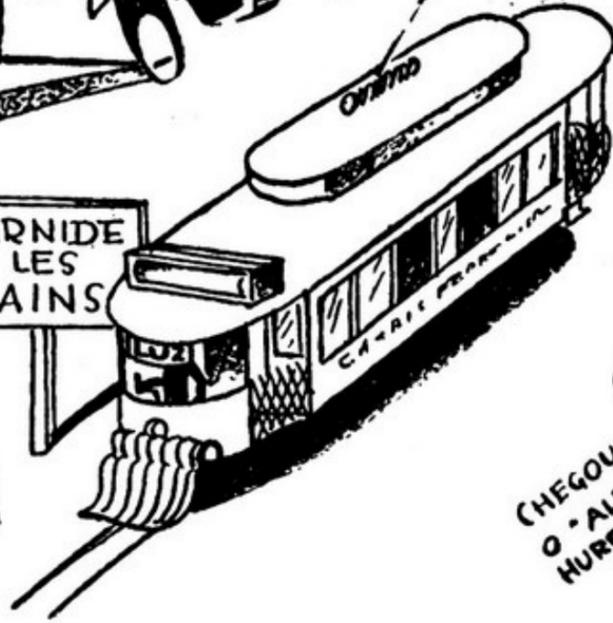


AGORA AS TAVERNAS ESTAO TAO PAPO SECAS QUE OS SEUS FREQUENTADORES PASSARAO A USAR DECALITRO

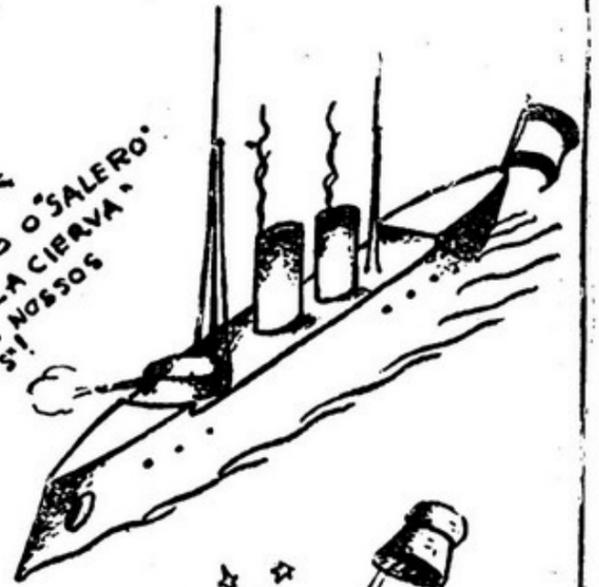


EM VIRTUDE DA FACILIDADE DE COMUNICACOES CARNIDE VAI SUBIR A CATEGORIA DE TERMAS DE 1ª CLASSE

CARNIDE LES BAINS



CHEGOU COM TODO O 'SALERO' O 'ALMIRANTE LA CIERVA' HURRAH PELOS NOSSOS 'HERMANOS!'



UMA SUGESTAO DO BAILE DAS ARTES



NEM O LUIZ

DON